

Resposta de um Internacional à Mazzini¹

25-28 de julho de 1871. Locarno, Suíça.

Publicado no jornal La Liberté, 18 de agosto e 19 de agosto de 1871, Bruxelas.

Nota: Publicado a partir da primeira publicação em francês. O texto serviu como uma Introdução à Teologia Política de Mazzini e da Internacional (1871), embora haja algumas modificações, provavelmente feitas pelo próprio Bakunin. As principais modificações, emprestadas do Arquivo Bakunin, t.I, são reproduzidas aqui em forma de notas.

Se há um homem que é universalmente respeitado na Europa e que, ao longo de quarenta anos de atividade, dedicou-se exclusivamente ao serviço de uma grande causa, e verdadeiramente mereceu este respeito, é Mazzini. Ele é incontestavelmente uma das mais nobres e mais puras individualidades de nosso século eu diria até o maior, se a grandeza fosse compatível com o culto obstinado do erro.

Infelizmente, no cerne do programa revolucionário do patriota italiano havia, desde o início, um princípio essencialmente falso que, após ter paralisado e esterilizado seus esforços mais heroicos e suas combinações mais engenhosas, deveria atraí-lo cedo ou tarde para as fileiras da reação. É o princípio de um idealismo que é ao mesmo tempo metafísico e místico, baseado na ambição patriótica do homem de Estado. É o culto de Deus, o culto da autoridade divina e humana, é a fé na predestinação messiânica da Itália como rainha das nações, com Roma como capital do mundo; é a paixão política pela grandeza e glória do Estado, fundadas necessariamente sobre a miséria dos povos. É, enfim, esta religião de todos os espíritos dogmáticos e absolutos, a paixão pela uniformidade que eles chamam de unidade e que é o túmulo da liberdade.

Mazzini é o último sumo sacerdote do idealismo religioso, metafísico e político que está partindo.

Mazzini nos censura por não acreditarmos em Deus. Nós o censuramos, ao contrário, por acreditar, ou melhor, nem sequer o reprovamos, apenas lamentamos o fato de ele acreditar nisso. Lamentamos infinitamente que por esta intrusão de sentimentos e ideias místicas em sua consciência, em sua atividade, em sua vida, ele tenha sido forçado a se voltar contra nós ao lado de todos os inimigos da emancipação das massas populares.

Porque, enfim, não podemos mais nos enganar. Sob a bandeira de Deus, quem está agora? De Napoleão III a Bismarck; da imperatriz Eugénie à rainha Isabel, e entre eles o Papa com sua rosa mística, que ele galantemente apresenta a cada um deles por sua vez: Estão todos os imperadores, todos os reis, todo o mundo oficial, oficioso, nobiliário e privilegiado da Europa, cuidadosamente listados no almanaque de Gotha; são todos os grandes sanguessugas da indústria, do comércio e dos bancos; os professores certificados

¹ **Fonte:** CD-ROM Bakounine: Ouvres Completes, IHS de Amsterdã, 2000. **Tradução ao português:** Luciana Ribeiro de Brito, membra do Conselho Editorial do Projeto Obras Completas Mikhail Bakunin.

e todos os funcionários públicos dos Estados; os altos e baixos policiais, os gendarmes, os carcereiros, os carrascos; sem esquecer os padres que hoje constituem a polícia negra das almas em benefício dos Estados; são os generais, esses defensores humanos da ordem pública, e os redatores da imprensa vendida, os representantes tão puros de todas as virtudes oficiais. Este é o exército de Deus.

Esta é a bandeira sob a qual Mazzini se organiza hoje, apesar de si mesmo sem dúvida, levado pela lógica de suas convicções ideais que o obrigam, se não a abençoar tudo o que eles abençoam, pelo menos a amaldiçoar o que eles amaldiçoam.

E no campo oposto, o que é que há? É a revolução, são os audaciosos negadores de Deus, da ordem divina e do princípio de autoridade, mas por outro lado e por isto mesmo, os crentes na humanidade, os afirmadores de uma ordem humana e da liberdade humana.

Mazzini, em sua juventude, dividido entre duas correntes opostas, era ao mesmo tempo sacerdote e revolucionário. Mas, a longo prazo, as inspirações do padre, como era de se esperar, acabaram sufocando os instintos revolucionários nele; e hoje tudo o que ele pensa, tudo o que ele diz, tudo o que ele faz, respira a mais pura reação. Como resultado, há grande alegria no campo de nossos inimigos e luto no nosso.

Mas temos outras coisas a fazer além de lamentar; todo o nosso tempo pertence ao combate. Mazzini acabou de nos jogar sua luva, é nosso dever elevá-la, para que não se possa dizer que, por reverência ao grande serviço passado de um homem, nós curvamos a cabeça diante da mentira.

Não é com alegria de coração que se pode decidir atacar um homem como Mazzini, um homem que se é obrigado a reverenciar e amar mesmo enquanto luta contra ele, porque se há uma coisa que ninguém ousaria questionar, é o grande altruísmo, a imensa sinceridade e a não menos imensa paixão pelo bem deste homem, cuja pureza incomparável brilha em toda sua luminosidade em meio à corrupção do século. Mas a piedade, por mais legítima que seja, nunca deve se transformar em idolatria; e há uma coisa mais sagrada do que o maior homem do mundo, que é a verdade, a justiça e o direito de defender a santa causa da humanidade.

Esta não é a primeira vez que Mazzini lança suas acusações e condenações, para não dizer suas injúrias e calúnias, contra nós. No ano passado, em carta dirigida a seu amigo, um idealista e sacerdote como ele, o ilustre Quinet, censurou amargamente as tendências materialistas e ateístas da juventude moderna. Era seu direito, consequência lógica do infortúnio que teve, ter sempre ligado suas mais nobres aspirações à existência fictícia de um Ser Absoluto impossível, um fantasma maléfico e absurdo criado pela imaginação infantil dos povos que saíam da animalidade, e que, depois de ter sido sucessivamente revisto, corrigido e enriquecido pela fantasia criativa dos poetas e posteriormente definido e sistematizado seriamente pelas especulações abstratas de teólogos e metafísicos, está hoje se dissipando, como o verdadeiro fantasma que é, sob o poderoso sopro da consciência popular, amadurecido pela experiência histórica e sob a análise ainda mais impiedosa da ciência real. E já que o ilustre patriota italiano, desde o início de sua longa carreira, teve a infelicidade de colocar todos os seus pensamentos e atos mais revolucionários sob a proteção deste Ser fictício e de acorrentar toda sua vida a ele, a ponto de sacrificar até mesmo a verdadeira emancipação de sua amada Itália, é de admirar que agora ele esteja indignado com a nova geração que, inspirada por outro espírito, outra moralidade e outro amor que não o seu, vira as costas ao seu Deus?

A amargura e a raiva de Mazzini são naturais. Estar há mais de trinta anos à frente do movimento revolucionário da Europa e sentir agora que esta direção lhe escapa; ver esse movimento tomar um caminho, onde suas convicções petrificadas não lhe permitem não apenas conduzi-lo, mas segui-lo; permanecer sozinho, abandonado, incompreendido e agora incapaz de entender o que está acontecendo diante de seus olhos! Para uma grande alma, para uma inteligência orgulhosa, para uma ambição grandiosa como a de Mazzini, no final de uma carreira inteiramente dedicada ao serviço da humanidade, esta é uma posição trágica e cruel.

Portanto, quando o velho santo, do alto de seu isolamento ideal, nos atirou seus primeiros relâmpagos, nós respondemos com pouco ou nada. Respeitamos esta raiva indefesa, mas dolorosa. E portanto, não são argumentos que nos faltariam não apenas para repelir suas reprovações, mas também para voltá-las contra ele.

Ele diz que somos materialistas, ateus. A isto não temos nada a responder, pois o somos realmente, e por mais que se permita um sentimento de orgulho aos pobres indivíduos que, como as ondas, se levantam para desaparecer logo no imenso oceano da vida coletiva da sociedade humana, nós nos glorificamos de o ser, porque o ateísmo e o materialismo são a verdade, ou melhor, a verdadeira base de toda verdade, e porque, sem nos preocuparmos com as consequências práticas, queremos a verdade acima de tudo e nada mais que a verdade. Além disso, temos esta fé que, apesar de todas as aparências em contrário, apesar de todas as sugestões temerosas de prudência política e ceticismo, só a verdade pode criar o bem prático dos homens.

Este, portanto, é o primeiro artigo de nossa fé; e nos forcemos a admitir que temos também uma ilustre mestre. Mas, ela nunca olha para trás, mas sempre para frente.

Mas você não se contenta em meramente constatar nosso ateísmo e nosso materialismo, você conclui que não podemos ter nem amor pelos homens, nem respeito por sua dignidade; que todas as grandes coisas que sempre fizeram bater os corações mais nobres: liberdade, justiça, humanidade, beleza, verdade, devem ser completamente estranhas para nós, e que, arrastando nossa miserável existência ao acaso, rastejando ao invés de caminhar sobre a terra, não podemos ter outras preocupações além de satisfazer nossos apetites sensuais e grosseiros.

Se alguém além de você o dissesse, o chamaríamos de um caluniador sem vergonha. Para você, respeitado e injusto mestre, diríamos que este é um erro deplorável de sua parte. Você quer saber o quanto amamos todas essas grandes e belas coisas cujo conhecimento e amor você nos nega? Saiba portanto que os amamos tanto que estamos cansados e enjoados de vê-los estranhamente suspensos em seu céu que os roubou da terra, como tantos símbolos e promessas para sempre irrealizáveis! Não nos contentamos mais com a ficção das coisas, nós queremos a realidade delas.

E eis o segundo artigo de nossa fé, ilustre mestre. Nós acreditamos na possibilidade, na necessidade desta realização na Terra; ao mesmo tempo, estamos convencidos de que todas aquelas coisas que vocês adoram como esperança celestial, ao se tornarem realidades humanas e terrestres, perderão necessariamente seu caráter místico e divino.

Ao nos chamar de materialistas, você acha que já disse tudo. Parece que você nos condenou definitivamente, nos esmagou. E você sabe de onde tirou esse erro? É porque o que chamamos de matéria, você e nós, são duas coisas, duas concepções absolutamente

diferentes. Sua matéria é, para você, um Ser fictício, como seu Deus, como seu Satã, como sua alma imortal. Sua matéria é a infinita grosseria, a brutalidade inerte, um ser impossível, assim como é impossível o espírito puro, imaterial, absoluto, e que, como ele, só existiu na fantasia especulativa de teólogos e metafísicos, esses únicos criadores de um e do outro. A história da Filosofia nos revelou agora o processo muito simples desta criação inconsciente, a gênese desta fatal ilusão histórica, que durante uma longa série de séculos pesou como um pesadelo horrível sobre o espírito esmagado das gerações humanas.

Os primeiros pensadores foram necessariamente teólogos e metafísicos, porque o espírito terreno é feito de tal forma que começa sempre por muita tolice, por mentiras, pelo erro, para chegar a uma parcela de verdade, o que não defende muito as tradições sagradas do passado; os primeiros pensadores, digo eu, tomaram de todos os seres reais dos quais tinham conhecimento, incluindo sem dúvida eles mesmos, tudo o que poderia constituir sua força, seu movimento, vida, inteligência, e eles o chamaram pelo nome genérico de espírito; então eles deram ao resto, ao resíduo informe e inerte que supostamente deveria restar após esta operação abstrativa realizada inconscientemente no mundo real por seu profundo espírito, o nome de matéria. Depois disso, ficaram espantados que este assunto, que, como este espírito, nunca existiu a não ser em sua imaginação, lhes parecesse tão inerte, tão estúpido, na presença de seu Deus puro espírito...

Quanto a nós, francamente o admitimos, não conhecemos seu Deus, mas também não conhecemos sua matéria. ou melhor, sabemos que um e outro são igualmente Não-Seres criados à priori pela fantasia especulativa dos ingênuos pensadores dos séculos passados. Por estas palavras - material e matéria - entendemos, nós, a totalidade, toda a escala de seres reais, conhecidos e desconhecidos, desde os corpos inorgânicos mais simples até a constituição e o funcionamento do cérebro do maior gênio: os mais belos sentimentos, os maiores pensamentos, os feitos heroicos, os atos de devoção, os deveres e os direitos, o sacrifício e o egoísmo, tudo até as aberrações transcendentais e místicas de Mazzini, assim como as manifestações da vida orgânica, as propriedades e ações químicas, a eletricidade, a luz, o calor, a atração natural dos corpos, constituem aos nossos olhos tantas evoluções, sem dúvida diferentes, mas não menos ligadas a essa totalidade de seres reais que chamamos de matéria.

E note que não consideramos esta totalidade como uma espécie de substância absoluta e eternamente criativa, como fazem os panteístas, mas como uma eterna resultante, produzida e reproduzida sempre novamente pelo concurso de uma infinidade de ações e reações de todo tipo ou pela incessante transformação dos seres reais que nascem e morrem em seu seio. Para não prolongar esta dissertação metafísica, direi, em resumo, que chamamos de material tudo o que é, tudo o que se produz no mundo real, tanto no homem como fora dele, e que aplicamos o nome de ideal exclusivamente aos produtos da ação cerebral do homem; mas como nosso cérebro é uma organização completamente material e, por consequência, todas as suas funções são tão materiais quanto pode ser a ação de todas as outras coisas reunidas, disso resulta o que chamamos de matéria, onde o mundo material não exclui de forma alguma, mas pelo contrário, abraça infalivelmente o ideal.

Há um fato que seria digno de meditação cuidadosa por nossos adversários platônicos: Como é que geralmente os teóricos materialistas se mostram muito mais idealistas na prática do que eles mesmos? Basicamente, nada é mais lógico ou natural do

que este fato: Todo desenvolvimento, não é, implica de alguma forma a negação do ponto de partida; bem, os teóricos materialistas partem da concepção da matéria para chegar a quê? à ideia; enquanto os idealistas, partindo da ideia pura, absoluta, e sempre repetindo o antigo mito do pecado original, que é apenas a expressão simbólica de seu destino melancólico, recaem eternamente, tanto na teoria quanto na prática, na matéria da qual nunca conseguem escapar, e em que matéria? Brutal, ignóbil, estúpida, criada por sua própria imaginação, como alter ego ou como o reflexo de seu "eu" ideal.

Da mesma forma, os materialistas, sempre conformando suas teorias sociais aos desenvolvimentos reais da história, consideram a bestialidade, a antropofagia, a escravidão como os primeiros pontos de partida para o movimento progressivo da sociedade; mas o que eles procuram, o que eles querem? A emancipação e a completa humanização da sociedade, enquanto os idealistas, que tomam a alma imortal e o livre arbítrio como base de suas especulações, levam totalmente ao culto da ordem pública como Thiers e ao culto da autoridade como Mazzini, ou seja, à consagração e organização de uma escravidão eterna. Daí resulta, de forma evidente, que o materialismo teórico tem como consequência necessária o idealismo prático e que, ao contrário, as teorias ideais só encontram sua possível realização na teoria mais suja do materialismo prático.

Ontem, diante de nossos próprios olhos, onde estavam os materialistas, os ateus? Na Comuna de Paris. E os idealistas, os crentes em Deus? Na Assembleia Nacional de Versalhes. O que queriam os homens da Comuna de Paris? Pela emancipação do trabalho, a emancipação definitiva da humanidade. E o que a Assembleia triunfante de Versalhes quer agora? Sua degradação final sob o duplo jugo do poder espiritual e temporal. Os materialistas, cheios de fé e desprezando o sofrimento, o perigo e a morte, querem avançar, porque veem brilhar diante de si o triunfo da humanidade; e os idealistas, sem fôlego, vendo apenas fantasmas vermelhos diante deles, querem forçá-la a voltar para o lodo do qual ela teve tanta dificuldade em sair. Que comparemos e julgemos.

Mazzini afirma e assegura, com aquele tom doutrinário e imperativo próprio de todos os fundadores de novas religiões, que os materialistas são incapazes de amar e dedicar sua existência ao serviço de grandes coisas. Ao dizer isto, ele prova apenas que, como um idealista consequente e desprezador da humanidade, em nome de seu Deus, de quem ele seriamente se crê um profeta, ele nunca entendeu nada sobre a natureza humana ou sobre o desenvolvimento histórico da sociedade e, que se ele não ignora a história, ele a entendeu de forma singular.

Seu raciocínio é o de todos os teólogos. Se não houvesse Deus Criador, diz ele, o mundo com suas admiráveis leis não poderia ter existido, ou apresentaria nada menos que um horrível caos, onde todas as coisas seriam reguladas, não por um pensamento providencial e divino, mas pelo terrível acaso e competição anárquica de forças cegas. Não haveria qualquer objetivo na vida; tudo seria apenas insignificante, brutal e fortuito. Pois sem Deus não há coordenação no mundo físico, nem lei moral na sociedade humana; e sem lei moral, não há dever, direito, sacrifício, amor, humanidade, pátria, Roma e Itália; porque se a Itália existe como nação é apenas porque tem uma missão providencial e predita a cumprir e ela só pôde ser encarregada desta missão por Deus, cuja paternal solicitude por esta rainha das nações chegou ao ponto de traçar, com seu próprio dedo divino, suas fronteiras, adivinhadas e descritas pelo gênio profético de Dante.#

Em artigos que se seguirão a este, tentarei provar contra Mazzini:

- 1) Que se tivesse existido um Deus Criador, o mundo nunca poderia ter existido.
- 2) Que se Deus tivesse sido o legislador do mundo natural, - o que em nossa ideia compreende todo o mundo propriamente dito, tanto físico quanto o mundo humano ou social - isso que chamamos de leis naturais, físicas e sociais também jamais poderia ter existido. Como todos os Estados políticos ordenados e dominados de cima para baixo por legisladores Simonianos, o mundo apresentaria então o espetáculo da mais revoltante anarquia. Ele não poderia existir.
- 3) Que a lei moral, cuja existência nós materialistas e ateus reconhecemos mais verdadeiramente do que os idealistas de qualquer escola, mazzinianos ou não, é uma lei verdadeiramente moral, uma lei que é lógica e real, uma lei poderosa, uma lei que deve triunfar sobre as conspirações de todos os idealistas do mundo, somente porque emana da própria natureza da sociedade humana, uma natureza cujos fundamentos reais devem ser buscados não em Deus, mas na animalidade.
- 4) Que a idéia de um Deus, longe de ser necessária para o estabelecimento desta lei, nunca foi nada além de perturbação e depravação.
- 5) Que todos os Deuses passados e presentes devem sua primeira existência à fantasia humana, apenas com as roupagens de sua bestialidade primitiva; que a fé em um mundo sobrenatural ou divino constitui uma aberração historicamente inevitável nos desenvolvimentos passados de nosso espírito; e que, para usar uma expressão de Proudhon, os homens, enganados por uma espécie de ilusão de ótica nunca amaram em seus deuses nada além de sua própria imagem invertida e monstruosamente exagerada.
- 6) Que a divindade, uma vez estabelecida em seu trono celestial, tornou-se o flagelo da humanidade, aliada de todos os tiranos, de todos os charlatães, de todos os atormentadores e exploradores das massas populares.
- 7) Que, finalmente, a desaparecimento dos fantasmas divinos, condição necessária para o triunfo da humanidade, será uma das consequências inevitáveis da emancipação do proletariado.

Enquanto Mazzini se contentou em ultrajar a juventude das escolas, a única que, nesse meio tão profundamente corrupto e decaído da burguesia atual, ainda mostra um pouco de entusiasmo pelas grandes coisas, pela verdade, pela justiça; enquanto ele tinha limitado seus ataques aos professores alemães, Moleschott, Schiff e outros que cometem o horrível crime de ensinar ciência real nas universidades italianas, e desde que ele se divertisse denunciando-os ao governo italiano como propagadores de ideias subversivas na pátria de Galileu e Giordano Bruno, o silêncio, ordenado pela piedade e para piedade, era possível para nós. A juventude é suficientemente enérgica e os professores suficientemente sábios para defenderem a si mesmos.

Mas hoje Mazzini acaba de passar dos limites. Sempre de boa fé e sempre inspirado por um idealismo tão fanático quanto sincero, ele cometeu dois crimes que, a nosso ver, aos olhos de toda a democracia socialista da Europa, são imperdoáveis.

No exato momento em que a população heroica de Paris, mais sublime do que nunca, estava sendo massacrada por dezenas de milhares, com mulheres e crianças,

defendendo a causa mais humana, mais justa e grandiosa que já ocorreu na história, a causa da emancipação dos trabalhadores de todo o mundo; numa época em que a terrível coalizão de todas as reações imundas que hoje celebram sua orgia triunfante em Versalhes, não contente em massacrar e aprisionar em massa nossos irmãos e irmãs da Comuna de Paris, derrama sobre eles todas as calúnias que só uma torpeza sem limites pode imaginar, Mazzini, o grande e puro democrata Mazzini, virando as costas à causa do proletariado e se lembrando apenas sua missão como profeta e sacerdote, também lança contra ele suas injúrias! Ele ousa negar não apenas a justiça de sua causa, mas também sua devoção heroica e sublime, descreve os representantes, aqueles que se sacrificaram pela libertação de todo o mundo, como um bando de seres rudes, ignorantes de qualquer lei moral, e obedecendo apenas a impulsos egoístas e selvagens.

Esta não é a primeira vez que Mazzini insulta e calunia o povo de Paris. Em 1848, após os memoráveis dias de junho que inauguraram a era das reivindicações do proletariado e do movimento propriamente socialista na Europa, Mazzini lançou um manifesto cheio de cólera amaldiçoando os trabalhadores de Paris e o socialismo ao mesmo tempo. Contra os trabalhadores de 1848, dedicados, heroicos, sublimes como seus filhos de 1871, e, como eles, massacrados, aprisionados e transportados em massa pela república burguesa, Mazzini tinha repetido todas as calúnias que Ledru-Rollin e seus outros amigos, os chamados republicanos vermelhos da França, estavam usando para compençar, aos olhos do mundo e aos seus próprios olhos, talvez, sua ridícula e vergonhosa impotência.

Mazzini amaldiçoou o socialismo: como sacerdote ou como delegado messiânico do Mestre de cima, ele deve amaldiçoar, pois o socialismo, considerado do ponto de vista moral, é o advento do respeito humano substituindo as degradações voluntárias do culto divino; e considerado do ponto de vista científico prático, é a proclamação deste grande princípio que, tendo agora entrado na consciência dos povos, tornou-se o único ponto de partida, tanto para a pesquisa e desenvolvimento da ciência positiva, quanto para os movimentos revolucionários do proletariado.

Esse princípio, resumido em toda a sua simplicidade, é o seguinte:

"Assim como no mundo material propriamente dito, a matéria inorgânica (mecânica, física, química) é a base determinante da matéria orgânica: (vegetal, animal, inteligente ou cerebral), assim no mundo social, que só pode ser considerado como o último grau conhecido do mundo material, o desenvolvimento das questões econômicas sempre foi e continua sendo a base determinante de todos os desenvolvimentos religiosos, filosóficos, políticos e sociais."

Vemos que este princípio traz consigo nada menos que a mais ousada derrubada de todas as teorias, tanto científicas quanto morais, de todas as ideias religiosas, metafísicas, políticas e jurídicas, que juntas constituem a crença de todos os idealistas do passado e do presente. É uma revolução mil vezes mais formidável do que aquela que, desde o Renascimento e especialmente a partir do século XVII, derrubou as doutrinas escolásticas, aquelas muralhas da igreja, da monarquia absoluta e da nobreza feudal, para substituí-las pelo dogmatismo metafísico da chamada razão pura, tão favorável ao domínio da última classe privilegiada e especialmente da burguesia.

Se a derrocada da barbárie escolástica causou uma terrível agitação em seu tempo, devemos compreender o que as convulsões devem causar, em nossos dias, a derrocada do

idealismo doutrinário, o último refúgio de todos os opressores e exploradores privilegiados da humanidade?

Os exploradores de crenças ideais sentem-se ameaçados em seus mais queridos interesses, e os partidários desinteressados, fanáticos e sinceros do idealismo moribundo, como Mazzini, veem destruída de um só golpe toda a religião, toda a ilusão de suas vidas.

Desde que começou a agir, Mazzini não parou de repetir ao proletariado da Itália e da Europa estas palavras que resumem seu catecismo religioso e político: *"Moralizai-vos, adorai a Deus, aceitai a lei moral que vos trago em Seu nome, ajudai-me a estabelecer uma república baseada no (impossível) casamento da razão e da fé, da autoridade divina e da liberdade humana, e tereis glória, poder e, além disso, prosperidade, liberdade e igualdade"*. O socialismo lhes diz, ao contrário, através da boca da Internacional:

"Que a sujeição econômica do trabalhador ao monopólio das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho é a fonte de servidão em todas as suas formas: miséria social, degradação mental, sujeição política, e

Que, por esta razão, a emancipação econômica das classes trabalhadoras é o grande objetivo ao qual todo movimento político deve ser subordinado como um simples meio".

Este é, em sua simplicidade, o pensamento fundamental da Associação Internacional dos Trabalhadores.

É compreensível que Mazzini tivesse que amaldiçoá-la; e este é o segundo crime pelo qual o reprovamos, embora reconhecendo, além disso, que ao amaldiçoá-la, ele obedeceu à sua consciência de profeta e sacerdote.

Mas ao fazer justiça à sua sinceridade incontestável, nós devemos constatar que, unindo seus invectivos aos de todos os reacionários da Europa contra nossos infelizes irmãos, os heroicos defensores e mártires da Comuna de Paris; e suas excomunhões às da Assembleia Nacional e do Papa contra as reivindicações legítimas e contra a organização internacional dos trabalhadores do mundo inteiro, Mazzini rompeu definitivamente com a revolução, e tomou seu lugar na reação internacional.

Nos artigos seguintes, examinando uma a uma suas queixas contra nossa admirável Associação, tentarei expor toda a inanidade das doutrinas religiosas e políticas do profeta.

M. Bakunin

Membro da Associação Internacional dos Trabalhadores